

## APRESENTAÇÃO DO ID (VITAL)

Escrito por Administrator  
Segunda, 12 Agosto 2013 19:26 -

---

Roberto Cavalcanti de Albuquerque [\\_\\*](#)

*Id*, o novo livro de Vital Corrêa de Araújo, passa a integrar obra poética já vasta: original, complexa, surpreendente, mutante. Obra a um tempo una e múltipla. Que se situa além dos limites confusos e atribulados da cansada pós-modernidade. Confirmando seu autor entre os melhores poetas pernambucanos, brasileiros, de língua portuguesa da atualidade.

Seguindo Freud e Jung, Vital Corrêa de Araújo vê no *Id* o reservatório da energia psíquica, das pulsões inconscientes de vida e de morte: É de riquezas sem conta: impulsos recalçados, forças arcaicas, conteúdos profundos, tempos ancestrais – o reino dos arquétipos que formam (e deformam) nossas vidas. Todo um mundo de forças inconscientes, misteriosas, selvagens pode irromper de súbito, de dentro de nós. Mais fortes que o

*Ego*

, ele aflora o consciente, superando as interdições do

*Superego*

.

O *Id* é um motor em processo, um dínamo ativado, uma usina de forças psíquicas de alto potencial expressivo. Ilimitados no tempo e no espaço. É dotado de lógica especial, de natureza introspectiva. Jung encontra no *Id* fatos, não teorias. Abordá-los é um modo de penetrar dentro do si.

A poesia é a forma de escavá-lo, dele extraindo potenciais expressivos insuspeitados – puros como a neve, límpidos como o cristal.

Neste livro Vital vê e pratica poesia como reflexo do *Id*. “Isenta de forma (fixa)”, “é metamorfose

## APRESENTAÇÃO DO ID (VITAL)

Escrito por Administrator  
Segunda, 12 Agosto 2013 19:26 -

---

ou disforme, a forma por vir, sendo “protêutica” (como Proteu, adquire forma que lhe sirva)”.  
Renuncia ou desdenha os princípios que balizam o poetar bem-comportado do  
*Superego*

. “Por isso é anárquica, maleducada, brusca, um pouco má até, inconveniente sim, para milhões de leitores habituados com as baboseiras prosaicas de sempre (arrumadinhos de rima, facilitário do entendimento, capricho métrico, ábaco sempre repreendendo o espírito e calculando as medidas da página, combatendo a desmesura e o pé quebrado, pois a clínica ortopédica da palavra fecha nas emergências).

No poema “Eu Manifesto”, Vital Corrêa de Araujo ele próprio se identifica, apresentando-se de corpo inteiro – decerto praticando aquela “razão impura” a que Eduardo Portella se refere a propósito de Gilberto Freyre: [\[1\]](#)

Vital não faz concessões

nem está à venda

a preços populares

cultiva o dolo e o cone

contra certezas burguesas

e convenções cruéis

a que submetem o poeta

em nome de sociologias rumorosas

## APRESENTAÇÃO DO ID (VITAL)

Escrito por Administrator  
Segunda, 12 Agosto 2013 19:26 -

---

fala da morte do cotidiano

nada humano, traste do dia

e da transitoriedade da descrença

de tudo que seja humano

vital poeta é superficial

não há fatos a relatar

nem relatos a fatiar

em seus poemas

ele arranca das pessoas

as almas tristes, calculistas

usurárias ocupadas do lucro de ser

## APRESENTAÇÃO DO ID (VITAL)

Escrito por Administrator  
Segunda, 12 Agosto 2013 19:26 -

---

vital é irrotulável e antipredicativo

seu poema é desconstrutivista

multiplicador de significados

máquina operária da palavra aparato

a abrir minas, fontes, sondas de significações

desgrupado, insulado, encastelado vital

o poeta ama a cama e o lápis

odeia convenções literárias

e achincalhe de palavras

de homens ocos perdidos no imo

de quartas-feiras cinzas.

Para ele poema não é sílaba enjaulada

## APRESENTAÇÃO DO ID (VITAL)

Escrito por Administrator  
Segunda, 12 Agosto 2013 19:26 -

---

rima amaneirada

ritmo mecanizado, andadura da palavra

a passo de metrônomo

tudo arrumado em estrofes conventuais.

Poema é ímpeto, sopro, liberdade

ritmo interior, verdade. TD

Bem dito. E antecipando-se diante de sua nova criação a possíveis dificuldades de seus mais atentos leitores, Vital Corrêa de Araújo lhes dirige frontalmente a palavra:

Percebo meu (mau) leitor (ileitor ou aleitor) quando da aleitura do meu (bom) poema: a beleza não é fácil, ele pensa... e para na segunda página, à margem da segunda folha. O egoleitor é frágil, medroso, id-ota. Valorizo tal leitor a ponto de complicar o quanto o poema (*et pour cause* sua leitura). Escrevo (eu, o id) para (completo) seu desconforto (do meu improvável leitor ególatra) porque não quero leitor fácil, id-otando em minhas negras páginas de sombras vastas. Quero leitor complexo, esforçado ego agudo que derive comigo e (i)delire mais do que eu (o outro, o doido id poeta destro). Leitor que me derrote, encrave bastamente em mim suas botas, me desrecalque por inteiro.

Sendo ele ainda, o autor, que continua:

## APRESENTAÇÃO DO ID (VITAL)

Escrito por Administrator  
Segunda, 12 Agosto 2013 19:26 -

---

Não desista e entregue os pontos (ou prantos reais ou românticos). Quede-se de quatro ante neoposmoderno poema (prato do id). O pior leitor é aquele acostumado a leituras de botas parnasianas da atrasada couraria do retrasado século XIX, habitado de arrumadinho delicado de rima no facilitário poético apaixonado e casto, viciado em sentidos já mastigados embolorados, empastados de saliva condoreira.

Para Vital, essa sua nova poesia, que reverbera do *Id* – esse iceberg submerso e solúvel de onde emerge o *Ego* – não aposenta a palavra. É, antes, “o instinto primário da palavra”. Palavra transformada, de natureza diferente da falada no cotidiano. Palavra a qual em nada interessa “moralidade métrica”, seja burguesa, proletária, petista, oficial. Palavra vinda “do mais fundo abisso do verbo, da bacia (maior do que mil mares) do Id”

Nessa nova poesia, na ausência da *palavra*, uma *linguagem* a substitui, preenchendo o vazio, o nada. Ela não é mais um *signo*,  
é um *corpo*  
. Não é nem *medida*  
(Racine), nem sua *rejeição*  
(Shakespeare). No limite, quando a consciência está a caminho de apagar-se, tudo será apenas um *som*  
, sendo nesse mesmo momento que a *cor*  
explode. É isto que é a poesia, se acaso for. A poesia em seu nascedouro, prestes a extinguir-se.

[\[2\]](#)

*Praia de Nossa Senhora da Piedade, Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco, fevereiro de 2013.*

\* Ensaísta.

[1] Portella, Eduardo, “Texto introdutório”. Em Freyre, Gilberto, *Introdução à história da sociedade patriarcal do Brasil*.

Em Santiago, coord.

*Intérpretes do Brasil*

, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2000, 3v. 2v.,p. 189-201.

[2] Foucault, Michel, *Dits et écrits I (1954-1975)*. Débat sur la poésie, p. 418-34. {jcomments on}